

BÍBLIA DEUS CAMINHANDO COM A GENTE

SEMANÁRIO PARA CÍRCULOS BÍBLICOS

APROFUNDAMENTO I

“QUE SABEDORIA É ESSA QUE ME FOI DADA?”

Quando chegou o sábado, começou a ensinar na sinagoga. Muitos ouvintes ficavam admirados, dizendo: “De onde lhe vem tudo isso? E que Sabedoria é essa que lhe foi dada? Este não é o carpinteiro, o filho de Maria e irmão de Tiago, Joset, Judas e Simão? E suas irmãs não vivem aqui entre nós?”. E se escandalizavam por causa dele (Mc 6,2-3).

Os ouvintes, que conheciam Jesus, porque ele era um do seu povo, “se escandalizaram por causa dele”. Não compreendiam como era possível que alguém de origem tão humilde e que não frequentou a escola dos rabinos (Jo 7,14-18), pudesse falar como ele falava. Eles pensavam que a Sabedoria só podia ser produzida e transmitida por “sábios, entendidos e letrados”, pessoas estudadas e “cultas”, com muitos conhecimentos e técnicas. Então, de onde vem a Sabedoria de Jesus? “De onde lhe vem tudo isso?”

A resposta está no próprio dito sapiencial de Jesus: “Nessa mesma hora, Jesus exultou de alegria no Espírito Santo e disse: ‘Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado’” (Lc 10,21).

Jesus de Nazaré viveu no meio dos “pequenos” do povo da Galileia, que lutavam pela vida. Nas rodas dos familiares e dos amigos, havia um costume de partilhar a experiência do dia a dia em favor da vida, na realidade dura e sofrida. Partilhava e transmitia a Sabedoria acumulada ao longo da história do camponês israelita: as “leis” que regem a natureza e a vida. A Sabedoria para a sobrevivência!

No tempo de Jesus, com a implantação sistemática da helenização, agravou-se a realidade dos camponeses. Os romanos nomearam os idumeus, inimigos dos judeus, para reger a Palestina: Herodes Magno e seus filhos (Arquelau, Antipas e Filipe), cujos reinados foram marcados pela exploração, tirania e brutalidade, espalhando pobreza, doença e desespero no meio do povo: “Ao cair da tarde, quando o sol se pôs, levaram a Jesus todos os que estavam doentes e os endemoninhados” (Mc 1,32).

Os reis herodianos promoveram a ostentação do luxo, segundo o estilo greco-romano, construindo palácios em cidades como Cesareia, Séforis, Tiberíades, Jodéfá etc.

Aumentaram os tributos, assim como intensificaram a exploração, a opressão e a violência contra os camponeses, que constituíam cerca de 95% ou mais da população da Palestina. Era comum presenciar famílias inteiras sendo vendidas como escravos por causa de dívidas: “Quando Jesus desceu da barca, viu uma grande multidão e se encheu de compaixão, porque eram como ovelhas sem pastor” (Mc 6,34).

É nesse caldeirão de sofrimento, de luta pela sobrevivência e do grito dos camponeses por justiça que o movimento de Jesus nasceu, cresceu e anunciou os ditos sapienciais de exortação e orientação. A “bem-aventurança” é um deles:

Elevando os olhos para seus discípulos, Jesus dizia: “Felizes vocês, os pobres, porque de vocês é o Reino de Deus. Felizes vocês, que agora têm fome, porque serão saciados. Felizes vocês, que agora choram, porque não de sorrir” (Lc 6,20-21).

A bem-aventurança dos pobres (cf. Mt 5,1-12), que não significa a exaltação de sua condição precária e sofrida, mas sua libertação, está inserida no Evangelho Q, também chamado de “Evangelho da Galileia”, um conjunto de materiais comuns a Lucas e Mateus, mas ausente em Marcos. Possivelmente é um Evangelho composto durante a década de 40 d.C., na região ao redor do lago de Genesaré ou da Galileia. As pequenas cidades dessa região, como Cafarnaum, Betsaida e Corazin, são mencionadas nesse dito do Evangelho.

Os temas predominantes do Evangelho Q são o julgamento escatológico (sobre o “Reino de Deus” e o “Filho do homem”) e a instrução ética na vida cotidiana, bem presente na tradição sapiencial judaica. Foram as instruções sapienciais e exortações decorrentes das preocupações e angústias cotidianas dos pobres camponeses da Galileia sob o domínio do Império Romano.

Seguindo a tradição judaica presente nos Salmos 22; 31; 73 etc., a bem-aventurança, por exemplo, é uma instrução e exortação sapiencial: Deus está ao lado dos pobres, aflitos e famintos, e o Reino de Deus é deles. Os ditos sapienciais do Evangelho Q, assim, teriam surgido da realidade sofrida



do povo das margens do mar da Galileia. Eles apresentam críticas contra a sociedade escravagista do Império e as possíveis orientações sapienciais, para construir uma sociedade fraterna e solidária: o Reino de Deus:

- a) “Mas eu digo a vocês, que estão me escutando: Amem seus inimigos, façam o bem a quem odeia vocês. Falem bem de quem fala mal de vocês. Rezem por aqueles que os caluniam. Quando alguém lhe bater numa face, ofereça também a outra. Se alguém tirar de você o manto, deixe que leve também a túnica. Dê a todo aquele que lhe pedir, e se alguém pegar o que é seu, não peça de volta. Tratem as pessoas como vocês gostariam que elas tratassem vocês” (Lc 6,27-31). “Amem seus inimigos” se opõe diretamente ao princípio das autoridades da época: “olho por olho, dente por dente”. Rompe o círculo vicioso (espiral) da violência e vingança que provoca, justifica e alimenta segregação, extorsão, exploração, guerra etc. Quebra a sucessão de confrontos entre vencedores e vencidos. Assim, o amor aos inimigos é resistência e crítica contra a Sabedoria dos grandes e, ao mesmo tempo, exige da vida dos camponeses sofridos a convivência fraterna e solidária, baseada na misericórdia e no perdão.
- b) “Pai, santificado seja teu nome; venha teu Reino; o pão nosso cotidiano dá-nos a cada dia; perdoa-nos os nossos pecados, pois nós também perdoamos aos nossos devedores; e não nos deixes cair na tentação” (Lc 10,2-4). O amor ao próximo não é uma ideia, nem mero discurso: é um modo concreto de viver a gratuidade e a partilha. Na realidade dos camponeses, uma das causas de endividamento é o empréstimo com juros abusivos, sobretudo para o pagamento de impostos. Ao contrário da economia de ganho, o dito sapiencial de Jesus propõe a economia da partilha e da solidariedade (cf. Lc 11,2-4).
- c) “Nenhum servo pode servir a dois senhores. Porque, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro” (Lc 16,13). O dito “servir ao dinheiro” reflete a realidade sofrida do povo da Palestina, dominada pela política de helenização do Império, caracterizada pela busca desenfreada de bens, poder, prazer e honra: o aumento de latifúndios e a implantação das cidades prósperas (Decápolis), beneficiando a elite privilegiada com “dinheiro” (riqueza acumulada) como fruto da injustiça – tributo e comércio abusivo. “Servir a Deus”, portanto, representa a luta pela partilha dos bens e da terra. No mundo do Mercado Global de hoje, os seguidores da idolatria do dinheiro continuam gerando a morte pela fome e pela guerra.
- d) “Grandes multidões acompanhavam Jesus. Ele se voltou e lhes disse: ‘Quem vem a mim e não deixa em segundo plano seu próprio pai e mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs e até sua própria vida, não pode ser meu discípulo. Quem não carrega sua própria cruz e não vem após mim, não pode ser meu discípulo’” (Lc 14,25-27). “Não deixa em segundo plano seu próprio

pai, mãe...”, ou, em outra tradução, “não odeia seu próprio pai e mãe...”, provoca, no mínimo, uma estranheza. Mas, levando em consideração a realidade da Palestina no tempo de Jesus, onde uma multidão endividada, sem terra e sem casa, perambula sem rumo (Lc 6,17-19; Mc 3,7-12), esse dito sapiencial desperta no povo sofrido a capacidade de enfrentar por si os problemas de abandono, isolamento, violência, fome e doença. Na prática, o movimento de Jesus propõe a formação de uma nova família e um novo lar, baseados na acolhida, partilha e solidariedade: “Eis minha mãe e meus irmãos. Pois quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mc 3,34b-35).

- e) “Observem os lírios, como crescem. Não fiam nem tecem. E eu lhes digo: nem Salomão, com todo o seu esplendor, jamais se vestiu como um deles. Ora, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é jogada no forno, quanto mais não fará por vocês, tão fracos na fé” (Lc 12,27-28). A fé no Deus criador implica um modo novo de viver a gratuidade e a partilha. A preocupação excessiva com os bens materiais, como no caso do Império e dos herodianos, coloca o ser humano até no lugar de Deus, explorando os outros. É preciso agir e viver a existência humana segundo os valores do Reino de Deus: justiça, comunhão e fraternidade (Lc 12,30-32).

“O amor aos inimigos”, “perdoamos aos nossos devedores”, “não servir ao dinheiro”, “deixar o pai e a mãe em segundo lugar”, “a fé em Deus”... Tudo isso promove e devolve a vida aos marginalizados e excluídos da sociedade. São os ditos sapienciais que apontam o caminho para o povo sobreviver e defender a vida, construindo o Reino de Deus no cotidiano: “Com que eu poderia comparar o Reino de Deus? É como o fermento que uma mulher pegou e misturou em três medidas de farinha, até tudo ficar fermentado” (Lc 13,20-21).

O que se pode dizer acerca da construção do reino da vida em nossa realidade de hoje, na qual os ímpios, com seus “pensamentos perversos”, ainda continuam provocando exploração, destruição e morte? Relendo a Bíblia, especialmente a busca dos sábios, como o autor do livro da Sabedoria, podemos perceber que a justiça é o caminho da Sabedoria e da vida. A solução é abrir-se a Deus e aos outros, lutando por justiça para libertar a todos para a vida: “O mundo dos mortos não reina sobre a terra. Porque a justiça é imortal” (1,14c-15). “Nunca é tarde demais para se converter, mas é urgente, é agora! Começemos hoje!” (Papa Francisco).

O **CENTRO BÍBLICO VERBO** é um centro de estudo que está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico oferece cursos regulares de formação bíblica em diferentes modalidades e presta assessoria a dioceses, paróquias, comunidades, colégios e congregações religiosas. Maiores informações pelo tel. (11) 5187-1008. E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br; nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br; Facebook: Centro Bíblico Verbo.





APROFUNDAMENTO II

AS AUTORIDADES A SERVIÇO DO BEM COMUM

O livro do Apocalipse testemunha a injustiça, a violência e a opressão praticadas pelo Império Romano:

Eu vi aparecer um cavalo esverdeado. Quem estava montado nele tinha o nome de Morte, e a Morada dos Mortos o acompanhava. Eles receberam autoridade sobre a quarta parte da terra, para poderem matar pela espada, pela fome, pela peste e pelas feras da terra (Ap 6,8).

Possuído e guiado pelo espírito da helenização – busca desenfreada de bens, poder, prazer e honra –, o Império Romano, fundado na sociedade escravagista, conquista o mundo, espalhando multidões de empobrecidos, escravizados e assassinados. Seu poder de conquista e domínio é sustentado por três pilares: o exército, o comércio e a religião:

- a) **Exército:** “Eu vi aparecer um cavalo branco. Quem estava montado nele tinha um arco e recebeu uma coroa. Saiu vencendo, e para vencer ainda mais. [...] E saiu outro cavalo, este de cor vermelha. Quem estava montado nele recebeu o poder de tirar da terra a paz, para que as pessoas se matassem umas às outras. E lhe deram uma grande espada” (Ap 6,2.4). A função do exército romano (legião) bem equipado e remunerado: conquistar terras e povos (território), adquirir escravos por meio das guerras (mão de obra), garantir a segura arrecadação de tributos, a segurança de estradas e rotas marítimas, estabelecer a *pax romana*, eliminando todo e qualquer tipo de rebeliões, como guerras de conquistas, guerras de repressão. Havia multidões de morte!
- b) **Comércio:** “Eu vi aparecer um cavalo preto. Quem estava montado nele tinha uma balança na mão” (Ap 6,5b). Os territórios conquistados, seus habitantes escravizados e a *pax romana* aumentam a produção agrícola e industrial para movimentar o comércio. Com a moeda única e o sistema bancário (financiamento de crédito), o fluxo e o lucro comercial do Império crescem à custa dos sofrimentos e lamentos dos povos conquistados (Ap 18). E o enriquecimento alimenta o luxo e a arrogância dos poderosos: “Os mercadores da terra se enriqueceram graças ao seu luxo desenfreado” (Ap 18,3).
- c) **Religião:** “A segunda Besta realiza grandes sinais, até de fazer cair fogo do céu sobre a terra, diante das pessoas. Por causa desses sinais que têm a permissão de fazer diante da primeira Besta, ela engana os habitantes da terra. E os convence a fazer uma imagem da Besta que tinha sido ferida pela espada, mas so-

breviveu” (Ap 13,13-14). Os governantes, sacerdotes e profetas (Ap 16,13) fazem a propaganda ideológica e religiosa dos poderes do Império Romano e seu imperador (Besta), sobretudo através do culto ao imperador. Multidões de alienados e submissos.

Tudo isso testemunha os interesses, os poderes e as riquezas do imperador (Besta) e das elites políticas e religiosas (Bestinhas). As autoridades do Império a serviço dos seus poderes, lucros, prazeres e honras. A propaganda (campanha) política e religiosa centra-se na divindade do imperador. Ele adquire os títulos: Senhor, Filho de Deus, Deus, Salvador, libertador, redentor. Suas imagens são gravadas em moedas, inscrições, estátuas etc., e são cultuadas nos templos de todos os cantos, onde os romanos vão impondo seu domínio.

Um dos meios de o Império controlar os habitantes no relacionamento é o sistema de patrocínio e de clientela, conhecido pelo nome de patronato. O sistema se caracteriza pela troca de favores entre as pessoas, criando verdadeira teia de influência e poder. Quando as autoridades favorecem as camadas mais pobres, essa prática gera dependência e submissão, porque as pessoas pobres se sentem gratas e devedoras de favores aos poderosos.

Sem dúvida, a figura máxima na sociedade patronal é o imperador. Ele é considerado o pai e o patrono do Império, distribuidor dos bens, defensor da *pax romana*, sendo até chamado de “Pastor”. Porém, o imperador e seus aliados dos poderes locais se tornam os pastores malvados e terríveis para os povos conquistados e explorados. No Evangelho de João, lemos: “O mercenário, que não é pastor, a quem as ovelhas não pertencem, quando vê o lobo chegar, deixa as ovelhas e foge. Então o lobo ataca e dispensa as ovelhas. Isso porque se trata de um mercenário, que não se importa com as ovelhas” (Jo 10,12-13). As autoridades permanecem intransigentes dentro da instituição opressora.

Na Palestina do tempo de Jesus, os reis herodianos e as elites judaicas eram as autoridades locais a serviço do Império Romano. São omissos, corruptos, injustos e até violentos com os povos pobres e abandonados, como vem acentuado nos Evangelhos sinóticos: “Não tenham medo daqueles que matam o corpo, e depois não conseguem fazer mais nada” (Lc 12,4); “Ai de vocês, que constroem os túmulos dos profetas, e foram os pais de vocês que os mataram! Assim, vocês são testemunhas e aprovam o que os pais de vocês fizeram. Porque eles mataram os profetas, e vocês constroem os túmulos” (Lc 11,47-48); “Quando Jesus desceu da barca, viu uma





grande multidão e se encheu de compaixão, porque eram como ovelhas sem pastor” (Mc 6,34).

Após a Guerra Judaica (66-73 d.C.), os judeus fariseus, a autoridade judaica aliada dos romanos, oprimem e perseguem os cristãos: “Serpentes! Raça de cobras venenosas! Como vocês (doutores da Lei e fariseus) escaparão do julgamento ao inferno? Por isso, eis que eu lhes envio profetas, sábios e doutores. Vocês irão matar e crucificar a uns; a outros irão torturar nas sinagogas de vocês, perseguindo-os de cidade em cidade” (Mt 23,33-34); “Eu tenho falado todas essas coisas, para que vocês não fiquem escandalizados. Não excluir vocês das sinagogas. E vai chegar a hora quando alguém, matando vocês, julgará estar prestando culto a Deus” (Jo 16,1-2).

O Império Romano, os reis herodianos, os sacerdotes, os doutores da Lei, os judeus fariseus... são as autoridades injustas e opressoras, mencionadas e criticadas no Novo Testamento. Nele, há também orientações e exortações para o exercício de poder, segundo o “Espírito de Deus”. Revisitando suas próprias raízes, Jesus e seus seguidores e seguidoras reagem à realidade sofrida do povo e exortam as autoridades ao exercício justo de sua função fiel à tradição judaica:

- a) *Jesus*: “Ouvindo isso, os dez começaram a ficar zangados com Tiago e João. Então, chamando-os para junto de si, Jesus lhes disse: ‘Vocês sabem que aqueles que são vistos como governantes das nações as dominam, e seus grandes as tiranizam. Mas entre vocês não deve ser assim. Ao contrário, quem de vocês quiser ser grande, seja o servidor de vocês. E quem de vocês quiser ser o primeiro, seja o servo de todos’” (Mc 10,41-44). Diante das disputas e dos sonhos dos discípulos com poder e privilégio, Jesus reage e denuncia a realidade de violência e opressão produzida pelos tiranos. Deixa claro que as autoridades devem renunciar aos privilégios e interesses pessoais, e se fazer servos de todos, como é enfatizado no primeiro cântico do servo (Is 42,1-9).
- b) *Paulo*: “Cada um se submeta às autoridades constituídas. Porque não existe autoridade que não venha de Deus, e as que existem foram estabelecidas por Deus. De fato, os que governam não devem ser temidos quando se faz o bem, mas quando se faz o mal. Você não quer ter medo da autoridade? Então pratique o bem, e terá a aprovação dela. Pois ela está a serviço de Deus para o bem de você” (Rm 13,1.3-4; cf. Pr 8,15-16). Esse é conhecido como um texto de legitimação da autoridade política. No entanto, considerando a posição anti-imperialista de Paulo (Fl 2,6-11; 1Cor 1,24-25) e o contexto da comunidade cristã de Roma (Rm 13,1-7), é uma crítica ao governo injusto e opressor de Nero: dado que o poder pertence exclusivamente a Deus, a autoridade é um instrumento de Deus em vista do bem comum e da justiça.

c) *A comunidade joanina*: “Vocês me chamam ‘o Mestre’ e ‘o Senhor’. E vocês têm razão, porque eu sou mesmo. Pois bem, se eu lavei os pés de vocês, eu que sou o Senhor e o Mestre, vocês também devem lavar os pés uns dos outros” (Jo 13,13-14). Na narrativa do “Lava-pés” (Jo 13,1-20; cf. Gn 18,4-5), o título de mestre está ligado aos fariseus, e o de senhor aos governantes de Roma. São as autoridades que dominam e exploram o povo. Esse modelo não serve, a autoridade deve assumir a função de serviço aos outros, produzindo igualdade e fraternidade.

O Novo Testamento segue a tradição judaica do Antigo Testamento sobre a autoridade e o seu exercício do poder: a autoridade pertence à natureza de Deus; a função da autoridade política é servir ao povo, sobretudo aos pobres, promovendo a justiça. E chega a sonhar com o Reino governado diretamente por Deus, autoridade absoluta: “Esta é a tenda de Deus com os seres humanos. Deus vai morar com eles. Serão eles os seus povos, e ele, o Deus com eles, será o seu Deus. E Deus vai enxugar toda lágrima dos olhos deles, e não existirá mais morte, nem aflição, nem choro, nem dor. Porque as coisas antigas já foram embora” (Ap 21,3-4).

Mesmo em uma democracia moderna, que elege seus mandatários, continua válido o princípio teológico bíblico: não se colocar no lugar de Deus, pretendendo ser absoluto; servir ao bem comum do povo com justiça; formar a sociedade sem exclusão e opressão. É tudo o que esperamos das autoridades, sobretudo do Brasil.

Há vários exemplos negativos na atualidade, porém: “Para conseguir o arquivamento das duas denúncias apresentadas pela procuradoria, o presidente Michel Temer atendeu a *lobbies* poderosos, de empresários a ruralistas, e adiou a implementação de medidas essenciais para o ajuste das contas públicas. O valor da fatura: 45 bilhões de reais”.¹ Lama de corrupção! Esse recurso deveria ser aplicado na saúde, educação, segurança etc.

É uma ilusão o desejo de ter autoridades justas ao serviço do bem comum aqui no Brasil? Ou é melhor fazer uma pergunta realista: o que cada um de nós pode fazer para o nosso país, marcado pela realidade contraditória da vida massacrada, machucada, explorada e oprimida? Uma certeza podemos ter: todos nós somos chamados e chamadas a construir uma sociedade de vida, e de vida em abundância para todos e todas: a luta por estabelecer relações de igualdade e de respeito na comunidade e na sociedade; o combate contra todos os tipos de violência; o movimento por melhoria nos postos de saúde, escolas públicas e transportes públicos etc. A missão é grande... E o Deus encarnado está nessa luta: “Coragem! Levante-se! Ele está chamando você” (Mc 10,49).

¹ Revista Veja, ed. 2554, ano 50, n. 44, p. 44, 01/11/2017.



Editora: Pia Sociedade de São Paulo - PAULUS (Paulinos) — **Diretor:** Valdir José de Castro — **Endereço:** Rua Francisco Cruz, 229 - Vila Mariana - 04117-091 - São Paulo - SP - Tel. (11) 5087-3700 - Fax (11) 5579-3627 - editorial@paulus.com.br - paulus.com.br — **Esta remessa de Bíblia-Gente é uma gentileza da PAULUS e não pode ser vendida.**

